



## EDITORIAL

POR: PE. NORBERTO BRUM,  
Director Diocesano da Pastoral Juvenil

A história escreve-se de vidas, e de vidas que se transformam em acontecimentos, em narrativas de um ser e agir, marcadas por um tempo e pelo tempo, páginas seladas por ideologias, conceitos e doutrinas, interpretações e demais formas de encarar a realidade que, qual barro na roda do oleiro, moldam e dão formas existenciais à própria existência. Por vezes, e mesmo que não se queira, são histórias da nossa história que nem o derrubar ou “profanar” de estátuas ou um simples ignorar de páginas, fazem-nas desaparecer.

A perseguição, o querer apagar memórias, o eliminar conceitos, ideais e princípios com os quais não nos identificamos, e para os quais nem estamos virados, foi de ontem, é de hoje, e sempre o será. A proposta de Jesus, perpetuada nos mais de dois mil anos de história da Igreja, sempre foi isso mesmo: uma proposta! Uma proposta que, por virtude de se opor a tantas indignas e desumanas outras propostas sempre colheu inimizade, despontando recusas e afrontas traduzidas em perseguições, críticas e até mortes; e quem morre por um ideal faz e é história!

Por um e mesmo ideal mataram Jesus Cristo pensando, desta forma, por termo a uma dita nova doutrina, uma nova ordem social e cultural. O mesmo destino tiveram os seus “doze” e tantos outros “doze” que o ideal e o carisma despontaram em tantos tempos e lugares! E tal “destino” continua a pairar nos “doze” deste tempo, como real possibilidade. Sim, a morte! A morte que não se reduz ao terminus de uma vida meramente biológica mas que acontece, tantas e repetidas vezes, mais que as que eram desejáveis, no silenciamento de palavras e gestos, na destruição de “nomes” e “identidades”, no ridicularizar de vivências destemidas! Morte que emerge do desacreditar de ritos e no espezinhar de uma tradição que, mais que cultura é ser, agir e estar de um povo, mas o sangue dos mártires, de ontem, de hoje e de todos os tempos, continua a ser semente de cristãos porque mortes há geradoras de vidas e vidas que se morrem, morrem para ser mais vida, fertilizando a fragilidade e cobardia de uns e a coragem de outros. Valemos muito mais que todos os passarinhos e até os cabelos da nossa cabeça estão todos contados!

O tempo e o contexto exigem determinação, ousadia e coragem, exigem vozes proféticas que proclamem boas e felizes notícias, que usem e abusem do testemunho de uma autenticidade e veracidade que só a Palavra pode impregnar; o tempo e o contexto reclamam vozes proféticas que não se calem perante sistemas geradores de injustiça e morte, que denunciem atropelos e atentados à dignidade de uma vida que só pode e deve ser mesmo vida, que enjaulam ferozes lobos que devoram o rebanho, que, destemidamente, mesmo sabendo e vendo três dedos para si apontados, não deixem de apontar o indicador a tudo e a todos que, escandalosamente desumanizam este humano ser, gerado e criado com o propósito de viver paradisiacamente nesta que é casa comum onde todos têm os mesmos direitos, deveres e possibilidades. Entretanto, e enquanto esta realidade não for história e existência, que não doe a voz aos profetas, nem se intimidem os testemunhos; podem matar o corpo mas nunca a alma! Podem abafar as vozes e encobrir os testemunhos, mas nunca apagar rastros e pegadas.

A história reza os fortes, não os fracos! Derrubar é para muitos mas erguer e construir é para um punhado e de um punhado de terra se faz campo e de campos se constrói o mundo. Esta é a hora dos fortes! Que comecem os exercícios de musculação!

# afetos

Pastoral Juvenil • Diocese de Angra

## PALAVRA COM VIDA

### XII DOMINGO DO TEMPO COMUM - Ano A

#### 1ª Leitura

##### Jeremias 20, 10-13

«Salvou a vida dos pobres das mãos dos perversos»

#### 2ª Leitura

##### Romanos 5,12-15

«O dom gratuito não é como a falta»

#### Evangelho

##### São Mateus 10,26-33

«Não temais os que matam o corpo»

A Palavra de Deus que o Senhor nos oferece, neste Domingo, coloca em relevo a dificuldade que sentimos em viver como discípulos, dando testemunho do projecto de Deus no mundo. Sugere-nos ainda que a perseguição está sempre no horizonte do discípulo, contudo garante-nos que a solicitude e o amor de Deus não abandonam o discípulo que dá testemunho da salvação.

A primeira leitura apresenta-nos o exemplo de um profeta do Antigo Testamento - Jeremias. Ele é o paradigma do profeta sofredor, que experimenta a perseguição, a solidão e o abandono por causa da Palavra; no entanto, não deixa de confiar em



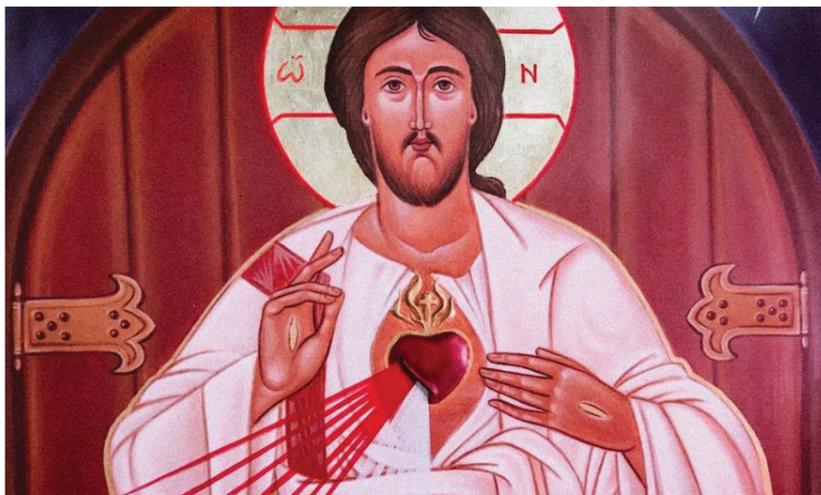
Deus e de anunciar - com coerência e fidelidade - as propostas de Deus para os homens.

No Evangelho, é o próprio Jesus que, ao enviar os discípulos, os avisa para a inevitabilidade das perseguições e das incompreensões; mas acrescenta: “não temais”. Jesus garante aos seus a presença contínua, a solicitude e o amor de Deus, ao longo de toda a sua caminhada pelo mundo. O projecto de Jesus, vivido com radicalidade e coerência, não é

um projecto “simpático”, aclamado e aplaudido por aqueles que mandam no mundo ou que “fazem” a opinião pública; mas é um projecto radical, questionante, provocante, que exige a vitória sobre o egoísmo, o comodismo, a instalação, a opressão, a injustiça. É um projecto capaz de abalar os fundamentos dessa ordem injusta e alienante sobre a qual o mundo se constrói. O medo de parecer antiquado, de ficar desenquadrado em relação aos outros, de ser ridicularizado, de ser morto - não pode impedir-nos de dar testemunho. A Palavra libertadora de Jesus não pode ser calada, escondida, escamoteada; mas tem de ser vivamente afirmada com palavras, com gestos, com atitudes provocatórias e questionantes. Viver uma fé “morninha”, instalada, cómoda, que não faz ondas, que não muda nada, que aceita passivamente valores, esquemas, dinâmicas e estruturas desumanizantes, não chega para nos integrar plenamente na comunidade de Jesus.

Na segunda leitura, Paulo demonstra aos cristãos de Roma como a fidelidade aos projectos de Deus gera vida e como uma vida organizada numa dinâmica de egoísmo e de auto-suficiência gera morte.

## SABIAS QUE...



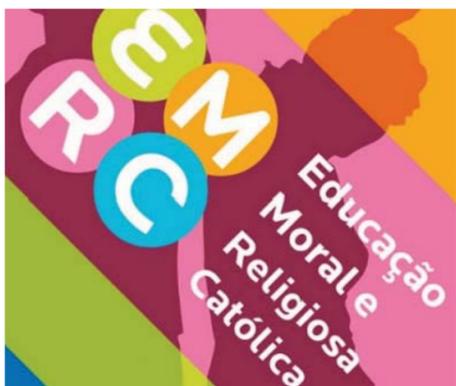
Sabias que se celebrou, na passada sexta-feira, a solenidade do Sagrado Coração de Jesus? Tratando-se de uma solenidade que celebra o coração como órgão humano unido à divindade de Cristo e o amor de Deus pelos homens, de que o coração é símbolo, esta é uma festa móvel que ocorre na segunda sexta-feira após a festa do Corpo de Deus, estando, intimamente, ligada ao dia seguinte, sábado, dedicado ao

Imaculado Coração de Maria. A sua primeira celebração remonta ao século XVII, no ano de 1672, em França. Contudo, a origem desta devoção tem raízes muito mais antigas, podendo-se apontar, até, como ponto de partida, a figura de S. João, apóstolo de Jesus retratado, em muitas iconografias da Última Ceia, com a cabeça apoiada no coração de Jesus. Destacando-se o grande impulso que esta devoção

teve após a Idade Média, é já no século XVII, e sobretudo, graças ao papel de S. João Eudes e de Santa Margarida Maria Alacoque, monja no mosteiro de Paray-le-Monial, em França, que durante 17 anos viveu aparições de Jesus nas quais lhe era pedida a particular devoção ao Seu coração, que esta devoção se propagou em grande escala. Numa das aparições, Jesus pede a Margarida que comungue a cada primeira sexta-feira do mês (sexta-feira foi o dia da crucificação de Jesus) reservando, igualmente, a sexta-feira que ocorre oito dias após o Corpo de Deus para ser dedicada ao Seu Sagrado Coração. O carácter universal, na Igreja, da celebração do Sagrado Coração de Jesus foi, apenas, estipulado pelo papa Pio IX, em 1856, sendo a mesma acompanhada pela dedicação de várias congregações, oratórios, igrejas e universidades. Em Portugal, a basílica da Estrela, em Lisboa, foi o primeiro templo dedicado ao Sagrado Coração de Jesus, decorrendo da devoção da rainha D. Maria I.

## POR CÁ

### Professores açorianos de Educação Moral Católica concluem formação



No início do próximo ano letivo, 18 professores dos que atualmente lecionam a disciplina de Educação Moral Católica na diocese de Angra, e que possuíam licenciatura em outras áreas do saber, já vão estar habilitados legalmente para leccionar esta disciplina optativa mas que requer habilitação própria. Embora ainda tenham de se inscrever no mestrado para requerem a profissionalização e assim reunirem as condições para pedir a agregação aos quadros das escolas açorianas, no final deste ano letivo já terão habilitação própria para dar esta disciplina depois de completarem, no final de Julho, os 120 créditos de formação em Ciências religiosas na Universidade Católica Portuguesa.

Para o delegado do Serviço Diocesano da Pastoral Escolar na ilha de São Miguel e coordenador regional dos professores de Educação Moral Católica, Bento Aguiar, “É uma grande felicidade de este momento porque dentro de dois

anos todos os professores de Educação Moral Católica das escolas do arquipélago vão poder candidatar-se aos quadros da região e isso é muito positivo” pois os “professores estão empenhados em melhorar a sua formação”.

Bento Aguiar destaca “o imprescindível apoio nacional, mas sobretudo o empenho dos colegas e os contributos efetivos quer do Instituto Católico de Cultura quer do Santuário do Senhor Santo Cristo para que este período formativo fosse concluído com êxito”, sublinhando que “no próximo ano letivo todos os professores que até agora tinham habilitação suficiente vão passar a ter habilitação própria reunindo todos os requisitos legais para leccionar esta cadeira que conta nos Açores com mais de 13 mil alunos”, sendo que a maioria destes encontram-se no segundo e terceiro ciclos; “no primeiro ciclo ainda há 4 ou 5 escolas que não têm a disciplina e no ensino secundária o número de matrículas é residual”, esclarece o professor.

Este ano letivo, com a pandemia a impedir aulas presenciais no final do segundo e em todo o terceiro trimestre, para os ciclos onde há mais alunos inscritos, “foi difícil mas pensamos que correu muito bem”.

“O balanço que fazemos é que nos Açores, nas oito ilhas onde existe a oferta todos os professores mantiveram um contacto muito próximo com os alunos em todos os níveis de ensino” enfatizou Bento Aguiar.

## POR LÁ

### D. José Ornelas é o novo Presidente da Conferência Episcopal Portuguesa

D. José Ornelas, bispo de Setúbal, foi eleito em Fátima, na passada Terça-feira, como presidente da Conferência Episcopal Portuguesa (CEP) para o triénio 2020/2023, sucedendo a D. Manuel Clemente, Cardeal Patriarca de Lisboa.

A eleição decorreu durante a Assembleia Plenária daquela Conferência Episcopal.

D. José Ornelas Carvalho, de 66 anos, nasceu a 5 de Janeiro de 1954, no Porto da Cruz, na ilha da Madeira, tendo feito a sua formação religiosa na Congregação dos Sacerdotes do Coração de Jesus (Dehonianos); sendo ordenado padre a 9 de Agosto de 1981.

Especialista em Ciências Bíblicas, com o grau de doutor em Teologia Bíblica pela Universidade Católica Portuguesa, foi docente desta instituição académica entre 1983-1992 e 1997-2003.

Foi superior da Província Portuguesa dos Sacerdotes do Coração de Jesus, cargo que assumiu a 1 de julho de 2000; foi eleito superior geral dos Dehonianos a 27 de maio de 2003, cargo que ocupou até 6 de junho de 2015.

Após estes mandatos, D. José Ornelas tinha sido indigitado, a seu pedido, para uma missão em África, mas o Papa Francisco nomeou-o bispo de Setúbal, em Agosto de 2015.

Como vice-presidente da Conferência Episcopal foi eleito D. Virgílio Antunes, bispo de Coimbra.

Além do presidente e do vice-pre-



sidente, o Conselho Permanente inclui cinco vogais: D. Manuel Clemente, cardeal-patriarca de Lisboa; D. Manuel Linda, bispo do Porto; D. José Cordeiro, bispo de Bragança-Miranda; o cardeal D. António Marto, bispo de Leiria-Fátima; e D. Francisco Senra Coelho, arcebispo de Évora.

O secretário da CEP, padre Manuel Barbosa, foi reconduzido no cargo.

D. João Lavrador, nosso Bispo Diocesano, foi reconduzido na presidência da Comissão Episcopal da Cultura, Bens Culturais e Comunicações Sociais que aponta como prioridade para o setor dos media, nos próximos três anos, o aprofundamento do “Plano da Comunicação Social” para a Igreja Católica em Portugal.

## ENTRE NÓS...

### Não basta fazer clique!



A internet é hoje a representação máxima do conceito de globalização. O mundo digital não tem fronteiras nem no sentido físico nem no espiritual, com uma enorme vantagem: o acesso pode ser feito ao mesmo tempo, por pessoas diferentes, em lugares distintos. Dito assim, se calhar parece demasiado simplista. Na verdade, nunca o desafio “ide e anuncia a Boa Nova” se tornou tão fácil de cumprir e ao mesmo tempo tão exigente para se executar. Por isso, se com os meios digitais não há desculpas para não sermos uma Igreja em saída missionária, também é verdade que as estradas das novas tecnologias nos convidam a uma responsabilidade acres-

cida, que passa necessariamente por uma maior atenção ao que dizemos; à forma como o dizemos e às consequências do que dizemos.

Vivemos tempos desafiadores e desafiantes, como foram outros tempos. A pandemia e o confinamento, que nos forçou a um afastamento da igreja, enquanto espaço celebrativo comunitário da nossa fé, mostraram as potencialidades das novas tecnologias para reconfigurar o sentido da comunidade cristã. As redes sociais, que nos aproximaram em tempo de confinamento, mostraram o seu potencial evangelizador, não só porque nos tornaram comunidade virtual mas porque se assumiram verdadeiros espaços de debate e partilha. O grande desafio é aproveitarmos este balanço. Sem complexos ou diabolizações. Estamos na rede e ela é-nos útil. Duas conclusões factuais. Como transformar a rede nesta oportunidade reconfigurada de sermos igreja é a receita para um milhão de dólares. Podemos delinear talvez uma aproximação: a verdade é um dos pilares essenciais da comunicação. Sempre foi. Desde o tempo de Jesus.

O sucesso comunicacional, se assim se pode dizer, de Jesus foi a sua autenticidade;

a capacidade que tinha de testemunhar com o seu comportamento a profundidade do seu pensamento, reservando sempre uma boa dose de liberdade para quem ouvia.

Esta é a matriz de sermos cristãos. Comunicar os nossos valores na rede é fazer deste ambiente um espaço permanente de debate: com uma mensagem clara, simples e direta assente nos pilares fundamentais da nossa fé. Bem sabemos que “cultura das redes sociais, e as mudanças nas formas e estilos de comunicação, colocam sérios desafios àqueles que querem falar de verdade, de valores”, como antecipava o Papa Bento XVI na mensagem para o 47º Dia Mundial das Comunicações Sociais. Uma certa cultura voyeurista estará, porventura, mais vocacionada para seguir os valores do sucesso fácil e imediato. Estará mais preocupada “com o envelope do que o conteúdo”, mas teremos de ser suficientemente criativos. Sem nunca faltar à verdade; com sinceridade e de forma persistente.

Como sempre o nosso testemunho é o ponto de partida para a nova evangelização no mundo digital. Já o era antes da rede, desde que recebemos o mandato para a missão, e sê-lo-á ainda mais na rede. O

desafio está, como sempre esteve, do nosso lado. E para mim que sou uma analógica convertida ao digital tenho muito para aprender com quem é nativo deste meio.

Depois do Sínodo dos bispos sobre os jovens, o Papa Francisco lembrou na exortação *Cristo Vive* que os jovens não são o futuro mas sim o presente da Igreja. Depois desta pandemia esta é uma verdade insofismável. Foram eles, sobretudo eles, que nas nossas paróquias fizeram com que tudo acontecesse, ligando-nos ao mundo deles. Através da rede fizeram-se auxílio e auxiliares de tantos e tantos idosos; companhia de tantas horas...

O tempo é de esperança porque a Igreja está viva. A capacidade com que nos organizámos para levar a Eucaristia a tantos lares despertou o sentido real da Igreja doméstica. Por causa da pandemia pusemos pais a rezar com os filhos; pusemos pais acompanhar a catequese dos filhos. Se o vírus foi um catalisador não o transformemos agora que está mais controlado em inibidor. Não podemos transformar a ousadia em medo. E os jovens voltam a ser necessários...para fazer clique.

Por Carmo Rodeia